

COMENTARIO

por ANIBAL DE VASCONCELOS

Acabo de ler, no «Diário de Notícias», a descrição da chegada a Coimbra dos estudantes brasileiros, a quem foi feita uma recepção entusiástica, principalmente por parte da Academia da mesma cidade.

Confesso, porém, o meu espanto, ao deparar com o período que transcrevo:

«Os visitantes foram transportados aos ombros pelos seus colegas de Coimbra que não cessavam de erguer vivas», etc.

Aquell está o meu espanto, ou melhor, a minha incredulidade: que a gloriosa mocidade académica da Lusa-Atenas tenha esquecido a Fama, desprezando as responsabilidades que sobre si pesam.

Eu conheci bem a Academia de Coimbra em 1930 e 1931; a Academia de que sempre me tinham fallado com admiração, como sendo constituída por toda uma série de talentosos moços, viveiros de inteligências a desabrochar, cérebros onde fervilhavam as Ideias, viçosas e frêscas... e aquellas históricas **Réplicas**, verdadeiros cenáculos de famosa actividade intelectual.

Assim me tinham dito que era Coimbra... e assim eu me criara uma imagem de Estudante de Coimbra. Mas—salva a excepção rara de um ou outro grupo—fui vendo:

A Academia que no cinema bocejava com a «Tempestade na Ásia», pateava furtivamente a «Queda da Casa Usher», e aplaudia, deliciada, qualquer filme pachola e imbecil desde que, na altura dos beijos infalíveis, pudesse soltar comentários tórpes;

a Academia que, em qualquer

manifestação artística, primava as máis das vezes por uma ausência discreta, e recebia o celebrado poeta da Raça (Correia de Oliveira) entoando a canção «O Nabo e o Grêlo» (extraordinária canção, extraordinária Academia!);

a Academia que se embebedava sistematicamente, caçava gaitos nas vielas, fazia «troupes», gania fados, cultivava o ódiozinho ao futrúca, devorava a sabenta... e não tomava banho.

Era assim em 1930, e não me consta que, de então para cá, tenha mudado.

No entanto, não acredito. Sem dúvida o articulista, no ardôr da narração, empolgado pelo espectáculo, se deixou arrastar por uma tendência ao exagêro, sem intenção criminosa.

Estou a vêr a cena. Primeiro, a esfera prolongada—os brasileiros chegaram às 11 e meia, quando eram esperados pelas 9 horas—; depois o entusiasmo, o burreiro, a excitação; e ainda excitado, entusiasmado, fora de si, o jornalista, insensivelmente, sem maldade—reduz os bricos estudantes coimbrões à deselegante condição de cavalos!

Li, não me recordo em que maravilhoso livro do escritor maravilhoso que foi Eça de Queiroz, risinhos comentários a uma ocorrência semelhante.

Foi em mil oitocentos e não sei quantos, quando da chegada a Coimbra de uma cantora célebre—Mimi Aguglia—; os estudantes de então abriram o precedente para o que ontem, si **vera est fama**, aconteceu. Arrebatados, românticos, delirantes, desatrelaram os cavalos que tiravam a carruagem onde seguia a cantora—e puxaram entusiasmadamente aos varais!

Mas isto passou-se em mil oitocentos e não sei quantos, e Mimi Aguglia, além de notabilíssima cantora, era uma mulher de notabilíssima beleza...

Não deixou, no entanto, Eça

de Queiroz, de estranhar o facto e a tendência equidea; e afinal, em 1937, aquillo que o grande escritor superiormente ironizou na sua maneira cáustica e impecável, vem de se repetir com a mesma exuberância de atitudes asininas.

Distam muitos anos de um caso ao outro caso; a nossa época é totalmente diferente e não se compreende com tais arrebatamentos de romantismo delirante; o que ontem era ridículo, hoje faz dó; e foram homens, sim, colegas, que os srs. estudantes coimbrões foram receber e aplaudir...

Eu adivinho a estupefação dos estudantes brasileiros, que, certamente, esperavam encontrar os seus colegas de corações cheios de alegria e braços abertos para abraços fraternais. Pois não senhor! Quando os brasileiros esperavam os abraços, os estudantes de Coimbra agacharam-se—e apontaram-lhes o dorso!

Por êste andar receio, assustadamente, esta emergência triste: que à chegada a Coimbra de qualquer forasteiro, êste, inteirado pelas noticias dos jornais, reclame para o transportar ao hotel, não um taxi—mas um estudante.

Transcrições

O «Diário do Alentejo» transcreveu o artigo «Fialho de Almeida», do nosso colaborador Sérgio Augusto Vieira e o nosso eco «Equivoco Lamentável».

A «Seara Nova» transcreveu «Dialoguete—No Tribunal da História», do nosso colaborador António Sérgio e ainda «Marginalia», de Castelo Branco Chaves.

O «Boletim da Ass. Beneficente dos Empregados do Comércio de Luanda» também transcreveu o Dialoguete «No Tribunal da História», de António Sérgio.

Agradecemos.

LEITOR:

Adquire os teus livros
por nosso intermédio.
Isso nos auxiliará